

# CAOSótica

REVISTA QUADRIMESTRAL DE AUTORES DAS ASSOCIAÇÕES E ACADEMIAS MAIORES

Ano XVIII – Nº 64 - Setembro a Dezembro de 2023



## **Olhando a proibida azul distância**

**Açores / Angola  
Cananeia  
Macau  
Malucas**

**...deu a volta  
ao mundo!**

**Diaspora  
Portuguesa  
e Presença  
Luso-açoriana  
nas terras  
Sulinas  
do Brasil**

**Revista quadrimestral de Leitura - Artes - Ciências  
Um NOVO olhar sobre a realidade em que vivemos!**

# ÍNDICE

- 1 - Antonio Soares  
2-4 Felipe Daiello  
5-7 - Ives Gandra da Silva Martins  
8-10 - Moacyr Flores  
11-14 - Franklin Cunha  
15-18 - Pio Furtado  
  
19-22 - José Eduardo Degrazia  
  
23-29 - Felipe Daiello  
30-33 - Ruben Castiglioni  
34-50 - Antonio Soares e outros  
35 - Paulo Flávio Ledur  
36 - Felipe Daiello  
  
38 - Luciana Nedel  
39 - Francisco Froes F. Bitencourt  
40 - Márcia Isabel L. Culau  
  
42 - Eduardo Coelho  
43 - Paulo Nedel  
45 - Marisa Oliveira Guedes  
& Luiz Agnelo C. Martins  
46 - Marisa Oliveira Guedes  
47 - Eron Carlos Nunes Ferreira  
49 - Aline Fraga Jungbleuth  
51-56 - Antonio Soares  
57-64 - Franquelim Neiva Soares
- 1 - Do editor  
2-4 - Diáspora portuguesa  
5-7 - Diáspora portuguesa e o Brasil  
8-10 - Diáspora judaica e a expansão portuguesa  
11-14 - Diáspora judeu-portuguesa para o Brasil  
15-18 - A rudimentar medicina portuguesa dos tempos coloniais  
19-22 - João de Faras, o primeiro médico e o primeiro doent no Brasil  
23-29 - Antonio Pigafetta e Hernando de Magallanes  
30-33 - Colônia do Sacramento e seu "tormento"  
34-50 - Breves  
35 - Um mineiro gaúcho em Portugal  
36 - No roteiro de Luis de Camões. Aventureiro de Os lusíadas  
38 - Raizes do Rio Grande do Sul.  
39 - Os açorianos em Viamão  
40 - Através de educação, manteremos vivas as nossas riquezas históricas e faremos de Viamão um lugar ideal para se viver  
42 - Festa do Divino Espírito Santo em Cardigos  
43 - A Devoção ao Divino Espírito Santo em Viamão  
45 - Guaritas no município de Tavares  
46 - História do município de Mostardas  
47 - Os casais del Rey  
49 - O tempo  
51-56 - Presença luso-açoriana na Poesia SulRioGrandense  
57-64 - Templários, os cavaleiros monges. Fascínio ante a sua maldosa extinção.

  
Ficha catalográfica 

CAOSótica : revista de letras, artes e ciências. - Ano  
18, n. 64 (set-dez 2023). - Porto Alegre :  
Edições Caravela/ICP, 2023.

64 p. : il.

Quadrimestral

1. Literatura. I. Título.

ISSN 2177-1251

CDU 82-224

## A DIÁSPORA PORTUGUESA E O BRASIL

Na comemoração dos 200 anos de independência do Brasil ocorrida em 2022, examinou-se a importância de ter sido um príncipe português a proclamá-la, dando início à única monarquia da América do Sul em 1822.

Os motivos antropológicos que levaram a este acontecimento que moldou a história do país tem suas raízes na conformação da nação portuguesa desde sua origem e, até hoje, influencia o perfil do Estado Brasileiro.

Com efeito, um país, na Europa, herdou, durante a Idade Média, a cultura romana por inteiro. Foi Portugal.

Nascido da rebelião de herdeiros de um dos ramos dos reis que disputavam o domínio entre os diversos reinados espanhóis, teve em Afonso Henriques o seu fundador, ao vencer, na batalha de São Mamede (1128), aqueles que queriam desfazer as sementes do futuro Condado Portucalense e, mais tarde, os mouros em Lisboa. Em 5 de outubro de 1143 com a celebração do Tratado de Zamora foi Portugal reconhecido como país independente.

A fim de enfrentar os espanhóis (ou seja Castela), de um lado, e os mouros, de outro, Portugal nasceu e se expandiu, tendo, como líderes incontestes, reis fortes e senhores feudais a servi-los.

Foi, portanto, Portugal uma exceção no cenário europeu, em que as diversas regiões não se uniam e os países se fragilizavam em face da pulverização do poder por uma infinidade de reis fracos com senhores feudais fortes.

Alguns países, que se formavam, não conseguiram constituir um poder central unificado, capaz de orientar as expansões nacionais, dividindo-se entre lutas intestinas,

lutas externas contra reinos vizinhos e contra mouros.

Portugal, não. Percebendo seus fundadores que, sem unidade, seria impossível a manutenção do país recém-criado, alicerçaram seu projeto político na centralização de poder, característica que o acompanhará pela história e que influenciará, até aos dias atuais, a história brasileira.

Roma dominou o mundo porque soube unir o centralismo político e a descentralização administrativa. Portugal seguiu seus passos e, na medida em que se expandiu, pôs em prática idêntica lição. Compreende-se, pois, a razão que fez das Ordenações Afonsinas, Manuelinas e Filipinas os mais avançados textos jurídicos da Europa no fim da Idade Média e no período da Renascença, visto que a estabilidade política e econômica permitia o reger da vida social sem perturbações ou turbulências maiores.

A estabilidade política e a unidade de poder permitiram a Portugal vencer simultaneamente, em sua história, mouros e espanhóis e descortinar a grande saga das descobertas, fruto exclusivo de seu gênio. Italianos, franceses, ingleses e holandeses foram discípulos dos portugueses, seja na escola que permitiu a grande descoberta (Sagres), pois os grandes navegadores, inclusive Colombo e Magalhães, lá estudaram, seja na conquista real de territórios de além-mar, como a América do Sul, ou do périplo da África, a Ásia, seja em inúmeras viagens e explorações.

Colombo e Magalhães serviram a outros senhores, após receberem formação portuguesa, pela impossibilidade de Portugal realizar, simultaneamente, seu projeto de conquista mundial, à falta de gente e de recursos. O

mundo conhecido, já Sagres descortinara em meados do século XV. Mesmo o Brasil, assegurado em extensão menor pela assinatura do Tratado de Tordesilhas, foi declarado português para o mundo, por erro estratégico de Cabral, que revelou o continente americano antes do momento oportuno, visto que Portugal, que já o descobrira, não tinha condições de colonizá-lo. Assim é que apenas trinta e dois anos após sua “descoberta oficial”, há falta de recursos e gente, para tomar posse da região, é que foi enviada a primeira grande expedição (Martim Afonso de Sousa). Os esforços portugueses eram destinados a garantir o domínio das Índias.

Portugal, em verdade, detinha, à época, o controle do mundo em suas dimensões atuais, direta ou indiretamente, graças à estabilidade política e econômica gerada pelas conquistas sociais e jurídicas dos primeiros ordenamentos criados, ao fim da Idade Média.

É de se notar, entretanto, que o gigantesco esforço conquistador levou-o a abrir frentes em número maior do que poderia sustentar, razão pela qual não foi possível manter, por mais de um século, o território conquistado.

Em dissertação de especialização preparada para a Cadeira de Ciências de Finanças da FDUSP, em 1971, transformada em livro com prefácio de Roberto de Oliveira Campos, considere que três foram os grandes passos dados na evolução da humanidade na história, a saber: o domínio do fogo, as grandes descobertas e a conquista do espaço, pois nestes momentos o homem deu novo salto para o conhecimento de um Universo maior.

Portugal, portanto, colocou-se no centro desta tríade de eventos descortinadores de novos horizontes para o homem. O centralismo político português, todavia, transformou-se em uma herança política para o Brasil, visto que à época do Brasil-Colônia (descentralização

administrativa com capitânias hereditárias, governadores gerais, bandeirantismo de apresamento, ciclo da cana, de pastoreio e de busca de metais e pedras preciosas), as diretrizes políticas vindas da metrópole não foram desrespeitadas, tendo, inclusive, Amador Bueno se negado a ser coroado rei, na restauração do poder português, em 1640, após sessenta anos de controle espanhol.

Tal centralismo político e descentralização administrativa fizera Portugal colônia de forma diferente como eram consideradas as colônias espanholas, inglesas ou francesas, ou seja, meras extensões territoriais habitadas por povos inferiores.

O centralismo português não subordinou os vencidos, nem considerou inferiores os que viveram nas colônias, razão pela qual a mudança da família real para o Brasil não foi senão a consequência desta união nacional incontestada, realidade irrepitível pelos contornos de formação histórica dos demais países europeus.

Compreende-se, pois, que a esta centralização de poder, no melhor estilo do centralismo romano, deveu-se, de um lado, o fracasso do regime federativo no Brasil, mas, de outro lado, a unidade continental de seu território. A unidade nacional foi, portanto, preservada na América, ao contrário da experiência espanhola, francesa e inglesa, sem rupturas e sem guerras de conquistas ou libertação, até porque a independência do Brasil foi oferecida por um rei português, que nesta condição morreu em Portugal, com o título de Pedro IV, após afastar da Coroa seu irmão Miguel. De rigor, as lutas da independência foram mais escaramuças contra generais portugueses.

Enquanto a América espanhola pulverizou-se, os Estados Unidos só ganham a dimensão atual por conquistas após a independência e o Canadá vive ainda hoje a junção de duas conquistas não de todo assimiladas (inglesa e fran-

cesa), a unidade brasileira foi fruto dessa vocação para o centralismo político e para a descentralização administrativa, herdada de Portugal.

À evidência, tal característica terminou por moldar o país, com a monarquia centralizada, no início, e uma Federação republicana irreal até aos dias que correm, tornando o constitucionalismo brasileiro um denso reflexo desta realidade.

Graças a Portugal, o Brasil é hoje uma nação continental. Mas graças a Portugal, o Brasil não se tornou ainda uma Federação, balançando, em sua história, entre uma Federação e um Estado Unitário Tripartido.

De rigor, fomos um Estado tripartido até 1988, mas com a reformulação do sistema unitário na Constituição de 5 de outubro de 1988, fortalecendo-se as receitas de Estados e Municípios e ofertando-lhe real autonomia

financeira, principiou o país a buscar o perfil federativo desejado desde a instalação da República em 15/11/1889.

Parece, todavia, que a tríplice autonomia pertinente à Federação (Administrativa, política e financeira) principia a ser, novamente, enfraquecida com o avanço da reforma tributária com nova centralização e distribuição de receitas subordinadas a um futuro Conselho Federativo de perfil ainda indefinido.

Vamos aguardar para julgá-lo.

**\*Ives Gandra da Silva Martins:**  
**igm@gandramartins.adv.br**

**\*Ives Grandra da Silva Matins igm@gandramartins.adv.br**

editou em 2000 a obra *Poesia completa* que reúne sua poesia total. Mais de mil poemas. Predileção pelo soneto a que chama “o traje a rigor do pensamento”.

